

LIVRO DE MARK LEVINSON

## Sexo na cidade

**O áudio está para a música como o sexo está para o amor. Experimentá-lo é melhor que julgá-lo, mas julgue-o quem não pode (ou não sabe) experimentá-lo, propôs Camões. Foi a pensar nestes últimos que o famoso guru Mark Levinson escreveu um livro sobre a melhor forma de atingir a perfeição sonora e o... orgasmo**

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O TÍTULO DO LIVRO DE 160 PÁGINAS, QUE será editado, em Janeiro, pela Warner, é ainda mais explícito: «Satisfaction: The Art of Female Orgasm». E debruça-se, é o termo, sobre todos os pormenores necessários para obter um bom desempenho – na cama como na sala de audição. Entre diagramas para melhor colocar o «subwoofer» ou igualizar o som, explicam-se as técnicas para ultrapassar o egoísmo masculino e os receios femininos que interferem com a máxima satisfação sexual. Mark, segundo relata Jerry Del Colliano, no «site» [audiorevolution.com](http://audiorevolution.com), dá exemplos práticos contando com a prestimosa colaboração da sua bela e loira esposa Kim Catrall, que os leitores conhecem da série «Sex in the City». E Del Colliano termina com ironia brejeira: «Cabe agora ao leitor descobrir a relação entre áudio e “fellatio”».

Quem me chamou a atenção para a notícia foi Rui Calado, o «Gladiador», que, tal como eu, conhece pessoalmente o simpático casal. Aliás, quando visitaram Portugal, em 1998, já deviam andar a treinar porque não paravam de se beijar, ao ponto de eu chegar a pensar que iriam dar uma «live performance». Mark e Kim tinham-se deslocado a Lisboa para promover a Cello (entretanto lançou a Red Rose, recentemente apresentada no Audioshow pela Digisom).

Mark tem uma visão dogmática do áudio e eu na altura não gostei da atitude paternalista de quem se dignou descer ao Terceiro Mundo para evangelizar os nativos, o que não o impediu de me receber em Janeiro deste ano, em Las Vegas, com a bondade e simpatia de um Dalai-Lama. Provavelmente, porque não terá lido a entrevista que então publiquei, sob o título «A teoria da conspiração», de que passo a transcrever alguns excertos:

Em 1995, a Cello tinha publicado uma série de anúncios utilizando o nu feminino, como o que ilustra esta página. Num deles, publicado na revista «Stereophile», Mark Levin-

son aparecia ao lado da sua assistente nua (de costas) e de uma coluna de som com uma maçã em cima, facto que provocou uma enorme polémica nos E.U.A. entre os audiófilos puritanos. E eu resolvi provocá-lo, lembrando-lhe o caso:

«Nunca pretendi que o anúncio fosse chocante ou tivesse sequer conotações sexuais. Para isso tinha ideias bem mais ousadas (agora percebo o que ele queria dizer)». E conti-

Entre diagramas para melhor colocar o «subwoofer» ou igualizar o som, explicam-se as técnicas para ultrapassar o egoísmo masculino e os receios femininos que interferem com a máxima satisfação sexual

nuou: «Pretendi transmitir uma ideia de estabilidade emocional, beleza e conhecimento. A maçã representa aqui o conhecimento e...».

«Ou o pecado...», interrompi-o. «Bom, não tinha pensado nisso. Para a próxima ponho lá uma maçã já com uma dentada...», ripostou entre o irónico e o enfadado.

Estava dado o mote para o «confronto intelectual» em que se iria tornar uma longa conversa de duas horas com uma das figuras mais polémicas da história do áudio.

Mark Levinson, reconhecido por muitos como um dos gurus do «high-end», vestia na ocasião «jeans» coçadas, «T-shirt» amarrotada e uns «moccasin» gastos. Mas notava-se na sua atitude uma mal disfarçada arrogância

cultural, típica de quem vive no centro do mundo: Nova Iorque. Hoje é um homem beatificado pelo amor. Que defende o direito dos audiófilos a ouvir música em Super Audio CD. O CD é para ele uma aberração acústica.

Em 1979, a Madrigal Audio Laboratories comprou 57% das acções da Mark Levinson Audio Systems. Mais tarde, devido a um desentendimento com o seu sócio Sandy Berlin, Mark perdeu o direito legal a utilizar o seu próprio nome nos produtos, numa acção judicial que só ficou resolvida em parte em 1986.

«Conte-nos como tudo aconteceu», pedi-lhe: «Berlin foi um sacana e lixou-me, e a Madrigal usa agora o meu nome e não teve de me pagar nada por isso. Pode escrever aí!... Perdi o direito a utilizar comercialmente o meu próprio nome, mas após vários anos de tribunais ganhei o direito a manter a minha actividade no mesmo ramo graças aos esforços de um grande amigo e advogado: Allen Duffy. Foi assim que nasceu a Cello...», recordou Mark Levinson com um misto de mágoa e raiva mal contida, mas falando sempre de forma pausada, numa atitude quase mística. Por vezes, parava de falar, como se a trama digital do seu raciocínio tivesse «drop-outs». Obviamente, não estava habituado a ser interrompido e as minhas intervenções cortavam-lhe o fio à meada.

«E a bronca com Lewis Lipnick, crítico e músico da Orquestra Sinfónica de Chicago?», perguntei-lhe:

«Lipnick publicou, em Julho de 1995, na revista «Stereophile», um teste ao Cello Music&Film System e teve a coragem de dizer que não havia nada no mundo que se lhe pudesse comparar. Resultado: foi despedido devido à pressão de certos lobbies...», recordou Mark Levinson na altura.

A partir daqui desenvolveu a sua «teoria da conspiração»:

«O high-end começou por ser uma revolução no áudio, uma reacção natural ao “establishment”. O “high-end” era uma ideologia, uma forma de dizer não ao mercantilismo no

O som a nu, by Mark Levinson (Cello)



seio da alta-fidelidade que obrigava as pessoas a mudar de aparelhagem cada seis meses. Hoje é representado por tecnocratas de fato e gravata que só pensam no dinheiro e não na música. E servem-se do poder da publicidade junto dos “media” para defender os seus interesses. A promiscuidade entre as revistas e os fabricantes é total: se queres publicidade, ajuda-me a vender com boas críticas. Nem mais! É assim que a coisa funciona hoje. Foram “eles” que forçaram Larry Archibald a despedir Lipnick...», acusou Mark Levinson. «Eles quem?», insisti. «Eles... os outros... you know...».

«Posso citá-lo?», perguntei. «Claro, tudo o que eu digo é a pura verdade...», respondeu com um ar desafiador.

«Mas, mesmo depois de Lipnick ter sido despedido, você continuou a publicar anúncios na «Stereophile» e deixou-se entrevisitar...», avivei-lhe a memória. «Ou os anúncios, o teste e a entrevista que Barry Willis lhe fez eram parte de um “package” previamente acordado?...».

Levinson irritou-se: «Sim, de facto, fiz alguns anúncios... Não, não havia quaisquer condições prévias... Aliás, eu prefiro a publicidade “boca-a-boca” que é feita pelos clientes satisfeitos...».

Filho de um famoso psicólogo, Mark Levinson sentiu a tensão no ar e lançou uma piada para desanuviar:

«Sabe aquela do míssil cuja ogiva era à base de “junk food”? Disse um dos financiadores do projecto: «Até que enfim temos uma bomba que mata milhões sem prejudicar a nossa margem de lucro!...». Mark é defensor da alimentação macrobiótica.

«Foram os americanos que inventaram a comida de plástico», lembrei-lhe.

«Sim, mas também foram os americanos que inventaram o Viagra...», respondeu ele. Para logo acrescentar: «E resulta!...».

Percebo agora onde Mark foi arranjar inspiração para o seu livro. With a little help from Kim... ■